

MEMÓRIAS NARRADAS NO FEMININO: MULHERES PORTUGUESAS E LUSO-AFRICANAS NOS DESLOCAMENTOS PARA O BRASIL

Zeila de Brito Fabri Demartini¹

Resumo: Ainda há muito a estudar sobre as marcas da presença feminina na imigração em São Paulo; no caso dos portugueses, o processo configura-se complexo, pois Portugal, até a década de 1970, constituía-se como metrópole colonial. Assim, as imigrantes de origem portuguesa não eram provenientes dos mesmos territórios quando vieram para São Paulo: consideramos as memórias de imigrantes de origem portuguesa provenientes de dois fluxos ocorridos na segunda metade do século XX, as vindas de Portugal e as vindas da África. Tomamos como referência as narrativas de mulheres que vieram de Portugal, de Moçambique e de Angola, todas que se identificavam como portuguesas, mas com vivências e memórias múltiplas, pois se criaram e educaram em contextos sociais muito diversos. Observamos que essas meninas e mulheres carregaram, para onde foram, as marcas da educação tradicional portuguesa, pois em seus deslocamentos o modelo geralmente seguido pela família foi o da subalternidade das mulheres. Mas a vinda para São Paulo trouxe novas necessidades às famílias e aos filhos, implicando maior inserção das mulheres no campo do trabalho, formal ou informal, assim como transformações nos vários espaços de vivência, embora para algumas isso significasse perdas de “modos de vida” que consideravam melhores. Ao analisar as narrativas das imigrantes portuguesas e as subjetividades desses relatos, observamos que o tempo pode permitir a abordagem de temas que seriam “proibidos” no momento em que foram vivenciados. Suas vozes muitas vezes só puderam ser “ouvidas” pelos pesquisadores quando a experiência da travessia não doía mais tanto.

Palavras-chave: Memórias e narrativas femininas. Portuguesas e luso-africanas; Migração; São Paulo.

Abstract: There is still much to learn about the signs of female presence on immigration in São Paulo; in the case of the Portuguese migrants, the process is complex because Portugal, until the 1970s, was constituted as a colonial metropolis. Thus, the Portuguese origin of immigrants was not from the same territory when they came to São Paulo: we consider the memories of Portuguese origin immigrants from two streams occurred in the second half of the twentieth century, coming from Portugal and from Africa. We take as reference narratives of women who came from Portugal, Mozambique and Angola, all who identified themselves as Portuguese, but with multiple experiences and memories, because

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Metodista de São Paulo, pesquisadora IC e consultora ad hoc do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e diretora de pesquisa no Centro de Estudos Rurais e Urbanos. E-mail: zeila@usp.br.

these women were brought up and educated in very different social contexts. We note that these girls and women carried the marks of the traditional Portuguese education because in their displacements the model usually followed by families was the subordination of women to father or husband. But the arrival in São Paulo brought new needs to families and children, resulting in greater female integration in the labor field, formally or informally, as well as changes in the various living spaces, although for some of them this meant losses of “lifestyles” they considered better for them. To analyze the narratives of Portuguese immigrants and the subjectivities of these reports, we note that the time may allow discussion of topics that would be “prohibited” by the time they were experienced. Their voices often could only be “heard” by the researchers when the experience of crossing did not hurt so much.

Abstract: Memories and female narratives. Portuguese and Luso-African womens. Migration. São Paulo.

INTRODUÇÃO

Ainda há muito a estudar sobre as marcas da presença feminina na imigração em São Paulo. Historicamente, as informações referentes às mulheres em São Paulo aparecem com relação ao trabalho nas indústrias e no comércio, mas os dados disponíveis sobre imigração ainda dificultam a discussão da importância das mulheres imigrantes dos vários grupos que foram chegando ao contexto paulista desde o século XIX, em toda sua complexidade.

No caso da imigração portuguesa para o Brasil, o processo configura-se ainda complexo, pois Portugal, até a década de 1970, constituía-se como uma nação colonial, presente em várias regiões da África e da Ásia (DEMARTINI, 2009; DEMARTINI e CUNHA, 2015). Assim, as imigrantes de origem portuguesa não eram provenientes dos mesmos territórios, sociedades e culturas quando vieram para São Paulo. Dessa forma, as memórias das mulheres são fundamentais para trazer à tona questões sobre sua inserção nesse novo contexto e sua participação para a superação dos desafios que os deslocamentos sempre carregam. Consideramos as imigrantes de origem portuguesa provenientes de dois fluxos ocorridos na segunda metade do século XX: as que moravam em Portugal e as que residiam na África antes da partida. Procuramos explorar as condições de sua vinda e sua inserção na sociedade paulista, as experiências vivenciadas nos contextos de origem e nesse contexto brasileiro tão distinto.

1. O PROCESSO DE PESQUISA, MEMÓRIAS E NARRATIVAS

Optamos, em tais estudos, pela abordagem que nos pareceu a mais adequada: a construção da problemática/questões, assim como a escolha

dos sujeitos foi ocorrendo durante o processo de pesquisa, com a participação do próprio grupo migrante. Trabalhamos com a perspectiva da complementaridade entre as fontes de pesquisa, mas privilegiamos em nossos estudos sobre imigração os relatos orais obtidos junto aos imigrantes ou seus descendentes, considerando a diversidade dos sujeitos; mas também incorporamos a documentação escrita existente sobre o grupo e aquela por ele produzida; as fotos, os espaços de vivência (construções, móveis, objetos etc.). Nesse processo de construção conjunta, trocamos os conhecimentos por nós e por eles produzidos. (DEMARTINI, 2014)

As memórias dos sujeitos para o estudo de processos de deslocamento e de inserção em novos contextos tornaram-se fonte privilegiada, pois as memórias remetem a pessoas, lugares, tempos, sentimentos, cheiros, sensações etc. as quais seria difícil tomar conhecimento por outras vias. Ao falar sobre suas lembranças, os sujeitos parecem se inserir novamente naquele momento/espço lembrado, com todas as marcas que dele carregam.

Os relatos orais das pessoas envolvidas nos remetem tanto aos contextos de partida, como aos contextos de adoção, importantes para a compreensão das experiências vividas Sayad (2000). No caso desses processos vivenciados por imigrantes de países (colônias) africanas, o contexto de partida e de destino tornou-se para nós muito mais difíceis de serem definidos, pois os três continentes foram envolvidos ao longo das experiências. As memórias de cada sujeito foram nos levando a percorrer caminhos múltiplos de idas e vindas entre Portugal-África, África-Portugal, Portugal-Brasil, África-Portugal-Brasil, Portugal-África-Brasil. Como definir o contexto de partida? A que nação de origem os portugueses e descendentes residentes em colônias portuguesas na África se referiam como sua terra?

Entre o infinito e o finito das memórias possíveis, no caso destas imigrantes, muitas tensões, conflitos, separações, perdas, encontros, emoções... memórias, para além de traumáticas, “doídas”.

Seria impossível tratar aqui do processo de realização das várias entrevistas e o que estas memórias sobre vivências ainda muito recentes representaram no momento mesmo de sua obtenção e como colocaram a nós, pesquisadores, indagações sobre as mesmas. Foram muitos os casos, marcados por subjetividades, sentidos e emoções diversos, que é preciso considerar. Nessa direção, concordamos com Pollak e Heinich (1986), quando observam:

(...) une enquête d'histoire orale ne permet aucunement de rendre la parole à ceux qui se sont voués au silence, ni de combler ce silence par des interprétations hasardeuses. Néanmoins l'enquête fait apparaître les contraintes structurelles qui sont à l'origine d'un silence, ainsi que les fonctions qu'il assume... En effet, la situation de l'entretien elle-même est, tout comme l'écrit autobiographique,

un moment de témoignage et de reconstruction de son identité pour la personne interviewée, qui façonne la négociation préalable à toute rencontre et la délimitation des écrits demandés. (POLLAK; HEINICH, 1986, p. 12).

Trabalhar com as memórias de situações de deslocamentos recentes, especialmente difíceis como estas enfrentadas nos períodos pré e pós-revolucionários em Portugal e em países africanos, implica em manter uma vigilância constante sobre todo o processo e sobre as narrativas obtidas (NÓVOA, 2001).

As memórias das entrevistadas, obtidas sob a forma de relatos orais remetem a lugares, pessoas e acontecimentos (POLLACK, 1992); as narrativas permitem verificar como os continentes se cruzam na construção destas memórias, construídas individual ou socialmente. Seja vindas diretamente das “colônias” africanas para o Brasil, seja de Portugal para a África e para o Brasil, ou da África para Portugal e para o Brasil, as entrevistadas fazem referências a estes lugares tão distantes, mas tão próximos quando pensam em suas vivências.

Considerando que a memória é um fenômeno construído social e individualmente, trabalhamos com a diversidade dos sujeitos envolvidos nesses processos migratórios, procurando apreender a complexidade das situações vivenciadas e as memórias que foram geradas. Sempre entrevistamos homens e mulheres; no caso das mulheres desse texto, suas vivências se passaram em dois, três ou mais países: como narram suas experiências migratórias?

Observamos que meninas e mulheres portuguesas carregaram em suas vivências as marcas da educação tradicional portuguesa com relação às mulheres, pois nos deslocamentos o modelo geralmente seguido pela geração mais velha era o da subalternidade das mulheres. Mas a vinda para São Paulo trouxe novas necessidades às famílias e aos filhos, implicando principalmente na maior inserção das mulheres no campo do trabalho, formal ou informal, assim como transformações nas vivências dos espaços da casa, do campo educacional, das relações sociais, embora para algumas significasse perdas de “modos de vida” que consideravam melhores.

Para discutir tais questões, tomamos como referência narrativas de mulheres que vieram de Portugal e de Angola e de Moçambique, todas de origem portuguesa. As vivências e memórias são múltiplas, pois estas mulheres constituíram-se em contextos sociais muito diversos.

2. NARRATIVAS DE IMIGRANTES PORTUGUESAS E LUSO-AFRICANAS

A comparação dos relatos de mulheres com relação aos homens imigrantes entrevistados sugere que as mulheres, além de falarem de sua trajetória profissional, focalizam especialmente o campo familiar. Por tal razão,

procuramos aqui destacar alguns pontos das narrativas que podem permitir a observação de questões que acompanharam as vivências de imigrantes portuguesas que vieram para São Paulo.

Para tanto, consideramos importante retomar autores aos quais temos recorrido nos estudos sobre famílias de imigrantes.

Se o “ser imigrante”, conforme expressão de Sayad (2000) traz homogeneidades dadas pelo processo de saída e de chegada e pela ilusão da “provisoriamente da condição” em que vivem, podemos também afirmar que os contextos em que se inserem trazem elementos diferenciadores. Assim, estudar as vivências de famílias que, vindas diretamente de Portugal ou que haviam se instalado anteriormente e depois se mudaram para o Brasil (São Paulo), coloca para os pesquisadores possibilidades de melhor compreender os deslocamentos e como as famílias os visualizam a partir das experiências que empreenderam. No caso em pauta, como as mulheres envolvidas nesses processos os vivenciaram e os relatam.

Thompson e Bertaux já chamaram atenção para a importância do estudo das histórias de famílias pautadas nas histórias de vida dos sujeitos. Bourdieu (1993) contribui com as observações sobre os laços que se estabelecem entre os membros da família, dependendo das condições enfrentadas. Assim, como já notamos em outros textos e já havíamos discutido em pesquisa anterior realizada pelo CERU (LANG et. all., 1997) a família atua, em situações de risco, não só como campo, mas como corpo. Retomamos aqui algumas observações desse estudo que realizamos entre diferentes grupos no estado de São Paulo, procurando analisar a família enquanto mediação entre indivíduo e sociedade.

Os deslocamentos ocorridos na década de 1970, relacionados aos movimentos políticos, não finalizaram para grande parte das famílias contatadas e entrevistadas: em quase todas é citado o retorno de familiares para Portugal, no caso dos que de lá vieram, e também para os que anteriormente residiam em países africanos, e mais recentemente resolveram mudar-se para a antiga metrópole. Raramente há indicações de retorno de familiares dos que vieram da África, para esse continente. O que se consegue apreender, principalmente por meio das entrevistas, é que há um movimento de fluxo constante/contínuo (ainda não definitivo ou claramente resolvido) entre Portugal, países dos PALOP (Angola e Moçambique) e Brasil. (DEMARTINI e CUNHA, 2008). Permeando esses fluxos, estão geralmente razões políticas, sentimentais, econômicas que foram aproximando/afastando mulheres originárias de diferentes regiões, mas que se inseriram no contexto paulistano.

Do ponto de vista do campo familiar observamos, portanto, as frequentes e inesperadas separações no processo imigratório e a constituição de famílias com “convivências” diferentes em Portugal, na África, no Brasil. Em cada descolamento, há rompimentos com parentes que permane-

cem no contexto anterior ou se dirigem para outros (sem levar em conta os que, do Brasil, estão retornando ou indo para Portugal). A análise dessa dimensão (familiar) permite pensar que, para além dos deslocamentos de mão-de-obra em tempos de globalização, os frequentes deslocamentos ocorridos em decorrência das condições de vida difíceis em Portugal e de movimentos de independência dos países africanos em direção ao Brasil implicaram na constituição de famílias “intercontinentais” e mutantes, constituídas em cada contexto por diferentes participantes (avós/pais/filhos) (pais e filhos) (sozinhos) etc. Há quase que um tom de “normalidade” nos relatos das imigrantes às referências às ausências familiares, aos encontros e desencontros, ao convívio à longa distância. Seleccionamos para exemplificar tais questões as narrativas de três mulheres que chegaram em São Paulo no mesmo período, uma vinda de Portugal, outra de Angola e ainda outra de Moçambique.

2.1 UMA VOZ “SUFOCADA”

As memórias da entrevistada que veio de Portugal para São Paulo remetem a separações desde a infância, ligadas aos sentimentos de culpa, que a entrevistada chama de “trauma”, que a acompanham por toda a vida. As separações dos pais e irmãos no contexto português “apagaram”, segundo ela, as memórias sobre a infância:

A entrevistada tem uma trajetória que pode ser analisada como bem sucedida, pois tendo saído de Portugal, conseguiu enfrentar todas as adversidades na cidade de São Paulo, principalmente depois da morte prematura do marido, tendo os filhos para criar. Mas seus relatos registram mais o lado sofrido das situações vividas, e sempre a “culpa” que acredita carregar desde que era criança.

Os deslocamentos do meio rural para Lisboa quando muito pequena, entregue pelos pais para os tios (com os quais cresceu) e depois para São Paulo com o marido e os tios, parece não ter alterado sua opinião e os sentimentos com relação a família de origem, que também havia se deslocado para o Estado de São Paulo. A educação que recebeu dos tios permitiu-lhe aquisição de formação qualificada para trabalhar em Lisboa e o carinho durante sua socialização primária, mas um encontro com os pais biológicos e os irmãos no contexto paulista não lhe trouxe o apoio esperado para enfrentar a sobrevivência sem recursos e depois sem o marido; pelo contrário, sempre foi tratada com desprezo, excluída do contexto familiar.

O deslocamento para o Brasil e o reencontro aqui com a família, ao invés de engendrar uma solidariedade entre seus membros, reforçou a exclusão da entrevistada, do marido, dos filhos e dos tios, e, até, tentativas efetivas de prejudicá-los. Só há poucos anos, já tendo ela os filhos formados e bem sucedidos, seu pai resolveu aproximar-se, mas o “trauma” continua a acompanhá-la.

Por outro lado, as difíceis condições enfrentadas pela entrevistada no novo contexto e as formas como foi conseguindo superá-las permitiu que fosse rompendo com a submissão feminina que lhe fora inculcada desde Portugal. Na escola, convivia com as determinações do Estado ditatorial salazarista, aliado as imposições morais rígidas da Igreja, e, por outro lado, à condição de mulher sempre conduzida pelos homens (mesmo pelo marido, com o qual se dava muito bem. Segundo ela, foi dessa forma que fora educada para os padrões tradicionais portugueses; como lembrou, ao andar pelas ruas de São Paulo, o marido ia na frente e ela ia atrás carregando os filhos e as bagagens. Como ocorreu com outros grupos de imigrantes em que a posição da mulher era extremamente submissa, como os japoneses, também no caso em pauta o deslocamento permitiu à entrevistada questionar tais hierarquias e tornar-se autônoma em suas decisões.

Na pesquisa, a “voz” dessa portuguesa manifestou-se contra todos os afastamentos que enfrentou durante a vida, falou sobre o trauma e o sentimento de culpa que a acompanha, mas sua história nunca foi contada para os próprios filhos. É uma voz que se viu “livre” quando foi indagada, pois durante sua vida, a voz da imigrante foi sufocada, possivelmente pela vergonha de não ter contado com o apoio dos próprios familiares no novo contexto. A entrevistada fala no início sobre o trauma de infância, que a acompanhou pela vida, e termina retomando-o no final.

UMA “VOZ” INCONFORMADA

A entrevistada, que inicia seu relato assumindo “sou portuguesa”, fala da trajetória de sua família:

(...) Tenho 58 anos, sou portuguesa. Nasci em Portugal, mas fui com 5 anos para África, mais precisamente Moçambique. Morei em Moçambique por aproximadamente 23 anos, onde fui criada, casei, tive lá dois filhos e com a situação da guerra em África, acabei vindo para o Brasil por intermédio de um tio que aqui tinha e comecei de novo minha vida aqui. Eu tinha 27 anos quando vim para o Brasil. Faz precisamente 30 anos que estou no Brasil. Nesta altura, meus filhos eram pequenos, nasceram em África, vieram ainda garotitos e estou há 30 anos no Brasil. Tinha um tio aqui. (...) Meu pai foi para a África e começou a trabalhar com serração. Em função disto, teve tuberculose e minha mãe, que tinha ficado com as filhas em Portugal, foi para ter com ele. A viagem durou 23 dias, de navio. Nós viajamos quase no nível da água, naquela parte do navio que era destinada aos colonos. Não tínhamos dinheiro, nem o que comer.

Sua referência primeira é a Portugal, embora tendo de lá saído com apenas cinco anos. A guerra, acontecimento decisivo nas trajetórias e nas memórias – é mencionada com força em suas narrativas, assim como o esforço da família para fazer a vida na África:

(...) Nos quarenta anos em que ele esteve em África, meu pai nunca voltou. O desejo dele era permanecer em África. Ele trabalhou muito e desenvolveu a primeira fábrica de tijolos com material bom, areia, tijolo duro mesmo. Ainda hoje existe a marca “Manoel Joaquim”, o MJ impresso nos tijolos. E vivemos uma vida muito boa. Moçambique oferecia tudo que nós precisávamos. Com a guerra, saímos com a roupa do corpo e deixamos tudo para trás. E uma coisa que não dá para se conformar, com o governo português, que nos abandonou à sorte. (...) Olha, para quem saiu de uma guerra, a ditadura no Brasil era o de menos, porque houve muita violência em Moçambique.

Mas a saída da África é representada como traumática pela discriminação sentida:

(...) Minha mãe chegou e meu pai morava em um quarto, com apenas um colchonete. Com muito trabalho, minha mãe transformou tudo aquilo. Eu e minha irmã mais nova fomos mandadas para um colégio interno. Minhas irmãs mais velhas foram trabalhar. E se tem uma coisa que tenho mágoa com o governo português é terem nos virado as costas porque enquanto foi interessante receber dinheiro pelos negros que trabalhavam nas minas de ouro na África do Sul, tudo bem, mas... (fica emocionada) te digo que eu mesma vi várias vezes no aeroporto pilhas e pilhas de barras de ouro que eram enviadas a Portugal. Dizem que o ouro de Portugal veio do Brasil, mas não é bem assim, muito ouro foi enviado de Moçambique à Portugal. (...) E recebia muito bem, pelo ouro, pelo azeite e por uma série de produtos que eram comercializados em Moçambique.

Também são evidenciadas discriminações por parte da população local, pelo fato de serem brancos portugueses; assim, ao falar do 25 de abril:

(...) Lembro-me que eu, meu marido e as crianças havíamos ido ao Drive-in. Era um lugar para assistir filme dentro do carro, com a família. E quando voltávamos para casa, meu marido que sempre tinha o costume de ouvir a rádio, ligou o rádio e anunciaram que os rebeldes haviam tomado conta e nós, prontamente mudamos de direção e fomos nos reunir com outros portugueses em uma praça, para nos protegermos. Outras pessoas que não mudaram de direção, acabaram morrendo porque o confronto foi muito violento, atearam fogo nos carros, nas pessoas e qualquer branco era facilmente atingido. Foi terrível.

Ao comentar sobre a Guerra e o que ela representou de mudanças drásticas para sua família, as críticas recaem sobre o governo português “que nos abandonou à sorte”, pois se sentiam como pertencentes à nação portuguesa, enquanto colonos que viviam na distante Moçambique. Entre as conseqüências da Guerra e da saída forçada, as memórias remetem à desestruturação do grupo familiar, além da perda de bens:

(...) Foi exatamente por circunstância da guerra, não é? Nós éramos uma família numerosa, éramos seis filhas. Todos vivíamos em Moçambique, com exceção de uma delas que vivia no Zimbabuê, próximo de Moçambique, nós estávamos sempre juntas, em família, com meus pais. E com a guerra em África, a família

dispersou. Eu vim para o Brasil, uma irmã foi para a Alemanha, outra foi para a África do Sul, uma para os Estados Unidos.

A forma como representa o povo português aparece com ênfase maior quando a comparação se estabelece com os “outros”, os moçambicanos, evidenciando a diferenciação e os preconceitos.

A vivência no novo contexto parece ter forçado os preconceitos contra os negros, depois contra os brasileiros, relativizando a questão social:

(...) Eu comparo muito com muita gente aqui. E não são negros. A raça é tudo igual, não importa. São as mentalidades das pessoas. Eu acho que são as mentalidades. Se tu estás com dificuldades, vá à luta, seja o que for, mas tu consegues trazer. Agora, tem muitos que não tem e se põem a beber. Encostam-se e não querem saber da família, não querem saber de nada. A gente não pensa dessa maneira. Não é de uma forma que a gente vai ganhar dinheiro e outra, mas ganha honesto. Eu comparo muito o negro nesse sentido, mas também te digo que o negro nunca passou fome em nossa terra. Nunca. O negro era bem tratado. (...) O negro não tinha porque não queria. Há muitos que não querem trabalhar e eu não concordo com determinadas coisas.

Mas a vivência desde a infância em Moçambique, cheia de alegrias e tranquila até o 25 de abril de Portugal e a mágoa sentida com relação ao governo português, marcaram de alguma maneira sua identidade “portuguesa” – a percepção de que não eram iguais aos demais portugueses que residiam em Portugal, seja pelo tratamento recebido enquanto cidadão, seja pela maneira de ser moçambicana. Ao falar da volta para Portugal:

(...) Usaram um termo que considero inapropriado. Chamaram-nos de “retornados”, mas nós não éramos retornados. Eu vivi toda minha vida em Moçambique, e Portugal para mim era uma coisa distante. A relação com a minha sogra foi difícil porque não tínhamos intimidade e para quem estava em Moçambique, chegar em Portugal é estranho, aquela deferência toda.

A “VOZ” QUESTIONADORA DE UMA ENTÃO PEQUENA IMIGRANTE

No caso dessa imigrante que veio pequena da África, a boa situação econômico-social do pai e de sua família não foram suficientes para permitir sua permanência em território angolano; as condições políticas e as incertezas sobre as circunstâncias pós-independência foram as motivadoras da saída.

Segundo as informações de seu pai, pesaram muito na decisão de retirar a família de Angola as notícias veiculadas pelos líderes dos movimentos de libertação, que foram percebidos como ambíguos, mas ao mesmo tempo como incentivadores do ódio contra os brancos (que já estavam em Angola há muito tempo, como era o caso de sua família). O pai avaliou as possibilidades que se apresentavam como contextos para o deslocamento,

concluindo que no Brasil teria melhores chances de ter uma inserção com sucesso, foi importante para a escolha a percepção de que no Brasil as exigências para a entrada de imigrantes relacionavam-se à qualificação apresentada pelos mesmos. Assim, como em Angola o pai havia conseguido uma formação qualificada para seleção e formação de trabalhadores, durante o tempo em que trabalhou nas ferrovias, inclusive ministrando cursos, considerou que preenchia os requisitos do governo brasileiro, que naquele momento necessitava de mão de obra qualificada para a concretização do projeto desenvolvimentista do país. Assim, não teve dificuldades em arrumar empregos com a formação que trouxe de Angola, que foi aqui incorporada no trabalho em empresas diversas, tanto no Paraná, como em Minas Gerais e em São Paulo.

O pai não pretende voltar para Angola, tendo afirmado que “essa Angola do passado realmente acabou”, que “Angola para mim é passado”. Mantém, entretanto, relações com parentes que voltaram para lá e mantém-se informado sobre os acontecimentos vinculados a esse país.

A filha, que foi entrevistada e que não acompanhou as entrevistas do pai, mostra-nos uma vivência bastante distinta do processo vivenciado. Tendo saído muito pequena de Angola, o que se pode destacar de sua narrativa são alguns aspectos que até se opõem aos projetos e ideias do pai.

Ela continua emocionalmente muito marcada pelo processo de deslocamento, que a levou com apenas 10 anos, inicialmente para Portugal (onde passou a conviver mais com o avô (pois o pai já tinha vindo para o Brasil) e, depois, para esse último, deixando para trás os familiares com os quais convivia em Portugal. As separações marcaram profundamente sua infância; embora não tenha vivenciado como os adultos o cotidiano tenso das guerras – as implicações das guerras para a convivência familiar é o que é lembrado com tristeza e dor.

A pequena imigrante, que veio para o Brasil com a mãe e os avós depois que o pai aqui se estabeleceu, não quis concretizar o projeto elaborado pelos pais de enviá-la para estudar em Portugal – sua recusa vinculava-se aos deslocamentos e separações anteriores que havia vivenciado. Continuou estudando em escolas brasileiras nas quais já havia feito amizades e que não queria abandonar.

Conseguiu completar seus estudos, casou-se e seus filhos também têm trajetórias de escolarização bem sucedidas. Em São Paulo ela atua em empreendimento comercial.

O que é interessante destacar da entrevista emocionada que concedeu, é que, durante sua vida, escondeu da família o que sentiu e continua sentindo com relação a todo o processo traumático enfrentado nos deslocamentos e separações. Como o pai não gostava de falar sobre o assunto, procurou manter “oculta” sua opinião sobre os acontecimentos vivenciados em Angola e em Portugal.

Embora tendo saído de Angola muito pequena, é forte sua vinculação e seu desejo de retornar ao território de onde saiu, revisitá-lo depois de tanto tempo, mas sente medo.

Também é preciso destacar que a filha da entrevistada também carrega as marcas das vivências africana e portuguesa da família em sua trajetória, evidenciando-as em suas narrativas.

Em entrevista realizada com ela afirmou que ela e as irmãs são independentes, trabalham, e tem assim possibilidade de não precisar se sujeitar às importações familiares, podendo optar por seus próprios projetos de vida. No seu caso, esse projeto parece ser marcado por um desejo muito grande de conhecer Angola (desvendá-la segundo sua própria visão histórica), manifestando também a disposição de trabalhar lá. A formação universitária obtida é a profissão que exerce dão suporte ao projeto de ida para Angola. É importante destacar esse aspecto que acompanha a trajetória da família: o avô conseguiu sua vinda e inserção no Brasil em virtude do capital cultural que dispunha no momento em que a situação tornou-se difícil para a família em Angola; da mesma forma, a entrevistada visualiza suas possibilidades de trabalhar em Angola com sucesso, em virtude de sua formação e preferência acumulada no trabalho com pobres e com negros, no Brasil. Acredita que poderá contribuir com o país africano, principalmente com os estudos mais avançados que está fazendo. Ao mesmo tempo, também carrega as marcas das vinculações da família com Portugal; as histórias “misturadas” de Portugal e Angola a incomodam, principalmente porque geralmente são tratadas no Brasil como portuguesas, não como angolanos. Não consegue entender bem essas “misturas”, e ainda gostaria de aprofundar o conhecimento sobre a família, porque para ela os vínculos com familiares de Portugal são muito fortes, não se comparam apesar das separações e distâncias.

FINALIZANDO

Ao analisar as narrativas das imigrantes e as subjetividades desses relatos, elaborados muitos anos após os deslocamentos, observamos que se o tempo pode alterar as memórias e introduzir novas interpretações das mulheres aos fatos vividos, também pode permitir a abordagem de temas que seriam “proibidos” no momento em que os vivenciaram. As vozes das mulheres imigrantes portuguesas e luso-africanas às vezes só puderam ser “ouvidas” pelos pesquisadores quando a travessia já não doía tanto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTIDE, R. Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida. In: QUEIROZ, M. I. P. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU, 1983. (Coleção Textos; 4).
- BOURDIEU, P. (1993). À propôs de la famille comme catégorie réalisée. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, (100), 32-36.
- DEMARTINI, Z. B. F. Migrações e relatos orais: as potencialidades das entrevistas com gerações sucessivas. In: ROCHA-TRINDADE, M. B.; CAMPOS, M. C. S. S. (Orgs.). *Olhares lusos e brasileiros*. São Paulo: Usina do Livro, 2003. p. 157-178.
- DEMARTINI, Z. B. F. Relatos orais, documentos escritos e imagens: fontes complementares na pesquisa sobre imigração. In: ROCHA-TRINDADE, M. B.; CAMPOS, M. C. S. S. (Orgs.). *História, memória e imagens nas migrações: abordagens metodológicas*, Oeiras: Celta, 2005. p. 99-133.
- DEMARTINI, Z. B. F. Resgatando imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em História da Educação. *Cadernos CERU*, São Paulo, série 2, n. 8, p. 9-28, 1997.
- DEMARTINI, Z. B. F. Trajetórias e identidades múltiplas dos portugueses e luso-africanos em São Paulo após 1974. *Portuguese Studies Review*, v. 14-2, p. 171-210, 2009.
- DEMARTINI, Z.B.F. Comparando Biografias em diferentes contextos. In: ABRAHÃO, M.H.M.B.; BRAGANÇA, I.F.S.; ARAUJO, M.S. (Org.). *Pesquisa (auto)biografica, fontes biograficas*. 1ed.Curitiba: Editora CRV, 2014, p. 253-268.
- DEMARTINI, Z. B. F.; CUNHA, D. O. Os colonos da África portuguesa sob o regime colonial e seu deslocamento para o Brasil no pós-independência. *Cadernos CERU (USP)*, v. 19-1, p. 121-137, 2008.
- DEMARTINI, Z.B.F.; CUNHA, D. O. Nacionalistas e colonos do Ultramar português e sua presença no Brasil durante as guerras de Independência (1961-1975). In: André Gattaz e Vanessa Paola Rojas Fernandez. (Org.). *Imigração e imigrantes: uma coletânea interdisciplinar*. 1ed.Salvador: Editora Pontocom, 2015, p. 299-328.
- LANG, Alice Beatriz et all. (Orgs.). *Família em São Paulo: vivências na diferença*. São Paulo: Humanitas/CERU. (Coleção Textos, série 2, n. 7), 1997.
- NÓVOA, A. Tempos da escola no espaço Portugal-Brasil-Moçambique: dez digressões sobre um programa de investigação. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, p. 161-186, 2001.
- POLLAK, M. La gestion de l'indicible. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, Paris, n. 62-63, p. 30-53, 1986.
- POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.
- POLLAK, M.; HEINICH, N. Le temoignage. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, paris, n. 62-63, p. 03-29, 1986.

SANTOS, M. S. dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n. 38, p. 151-165, 1998.

SAYAD, A. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia - Revista do Migrante*, São Paulo, v. 13, n. especial, jan. 2000.